

Texto publicado nos anais “V Encontro de Literatura Infantil e Juvenil –Leitura e Crítica”, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 08 a 10 de julho de 2008. p 41-49.

A crônica brasileira na formação moral juvenil dos capitães da nave Terra

Maria Cristina Damianovic¹

*Não é deslocando
a direção
do nosso olhar
iludido
que conseguimos
torná-lo
lúcido e calmo.
É criando
em nós
um novo
modo
de olhar
e de sentir.
Fernando Pessoa*

Introdução

Este artigo objetiva, inicialmente, apresentar o contexto atual do leitor e da leitora juvenil. Será destacada a importância do papel político do e da adolescente como pioneiros em modificar prioridades para soluções globais para o planeta Terra. A seguir, o papel da crônica na formação moral e ética do e da jovem será apresentado, juntamente com algumas características que marcam esse gênero literário. Finalmente, o texto terminará com uma reflexão sobre o papel de instrumento-resultado da crônica, do cronista e do leitor de crônicas no processo de sustentabilidade baseado na inter-retro-relação que caracteriza todos os seres em ecossistemas.

A crônica e o e a adolescente como capitães da nave Terra

¹ Maria Cristina Damianovic é escritora brasileira e doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ Brasil. Coordena o projeto (inter)nacional *Páginas Literárias para o desenvolvimento crítico-político de novos leitores e escritores*, do qual são frutos *De um limão, uma limonada/ De um limón, una limonada* (2008); *A galinha dos amigos de ouro* (2008); *Famílias: Sempre-Vivas* (2007); *São Paulo: Caras e Bocas* (2006) e *Brasil: Palavras de um Cotidiano* (2005); *Brasil: um verde-amarelo em versos* (2008- org); *Elaboração e avaliação de material didático* (2007-org); *O português dentro de uma visão crítica* (2006-org); *Antologia em prosa e verso: palavras de alunos de Letras* (2005-org). Além de seu projeto literário, dedica-se ao estudo da linguagem da paz para o gerenciamento de conflitos. É pesquisadora integrante do Programa Ação Cidadã (Leitura e escrita nas diferentes áreas; Aprender Brincando e Múltiplos Mundos) na PUC/SP e colaboradora da Fundação Centro de Estudos Brasileiros na Costa Rica www.linguagemeformacao.com.br

Texto publicado nos anais “V Encontro de Literatura Infantil e Juvenil –Leitura e Crítica”, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 08 a 10 de julho de 2008. p 41-49.

Cinqüenta por cento da população mundial tem menos de vinte e cinco anos (Corcoran, 2006). Desses cinqüenta por cento, um terço tem idades entre 12 e 17 anos, faixa aqui considerada como adolescente focal². Como escritora, professora e agente política (Damianovic, 2005a), acredito que nossos jovens devam ser considerados e reconhecidos como provedores de soluções globais e, também, devam ser os pioneiros em modificar as prioridades que, atualmente, promovem a riqueza material acima do bem-estar pessoal e da justiça (Talal, 2006).

Estamos no início do século XXI e este é “um momento crítico da história da Terra, para a qual a humanidade [principalmente a população juvenil] deve escolher um futuro (...) À medida em que o mundo se torna cada vez mais interdependente (...) devemos reconhecer que somos *uma só* família humana e *uma só* comunidade terrestre com *um* destino comum. Devemos nos unir para criar *uma* sociedade global sustentável fundamentada no respeito à natureza, aos direitos humanos universais, à justiça econômica e à cultura da paz. Com esse objetivo em mente, é fundamental que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade almejando à grande comunidade da vida e às gerações futuras” (La Carta de la Tierra en Acción³ / Preâmbulo: 24, grifos meus).

Como escritora, percebo que a literatura pode ser uma forma de, retomando a epígrafe inicial, desiludir o olhar do e da adolescente para criar um novo modo de olhar e de sentir esse momento crítico da história do planeta Terra. Como cronista (Damianovic, no prelo, 2008 a,b,c , 2007, 2006, 2005 b), acredito que a crônica auxilia o homem e a mulher - no caso deste artigo, *o* e *a* adolescente - a se perceberem como interdependentes de sua comunidade local e planetária. Planetária porque falamos de um mundo globalizado mas pouco agimos como homem e mulher globalizados, e muito menos atuamos como seres planetários, ou seja, seres que não só moram no planeta

² A adolescência estende-se aproximadamente dos 12 aos 20 anos (Ferreira,1986:48).

³ A Carta da Terra é fundadora de um novo paradigma civilizatório (Boff, 2007); é uma tentativa de oferecer uma visão de ética global para guiar a sociedade em um movimento mundial (Vilela, 2006) e criar consenso sobre valores compartilhados para a transformação social. A partir de um esforço de colaboração, foi elaborado um documento único, um marco de valores essenciais (Corcoran, 2006), princípios e aspirações (Vilela, 2006), que reflete um novo nível de compreensão compartilhada universalmente sobre a interdependência entre os seres humanos e a natureza (Gorbachev, 2006). É uma arca de esperança (Corcoran, 2006) composta por um conjunto de dezesseis princípios organizados em quatro partes, orientados para garantir a segurança e a sustentabilidade da vida na Terra (Strong, 2006). São valores que expressam uma ética cívica global de direitos e deveres específicos (Corcoran, 2006) www.earthcharter.org

Texto publicado nos anais “V Encontro de Literatura Infantil e Juvenil –Leitura e Crítica”, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 08 a 10 de julho de 2008. p 41-49.

Terra, mas que também são terráqueos capitães dessa nave Terra. Esses capitães necessitam de parâmetros para seguirem um primeiro princípio, um lema básico, que é o de entender que “respeitar a Terra e a vida em toda a sua diversidade é: (i) reconhecer que todos os seres humanos são interdependentes e que toda forma de vida, independentemente de sua utilidade, tem valor para os seres humanos, e (ii) afirmar a fé na dignidade inerente aos seres humanos e ao potencial intelectual, artístico, ético e espiritual da humanidade (La Carta de la Tierra en Acción, Princípios: 42).

A crônica planta árvores literárias para frutos de ação cidadã

Lembro-me, quando adolescente, de meu primeiro contato com a crônica. Naquele período “marcado de intensos processos conflituosos e persistentes buscas de auto-afirmação” (Ferreira, 1986:48), tive um professor de literatura que me apresentou a crônica. Com ela, não só acalmei meu espírito, que estava num reboiço caótico, como também pude descobrir meu desejo de engajar-me em uma posição política frente ao mundo ao meu redor. Descobri, com as crônicas de Machado de Assis, José de Alencar, Lima Barreto, João do Rio, Olavo Bilac, Rubem Braga, Vinícius de Moraes, Alcântara Machado, Rachel de Queiroz, Fernando Sabino, Luis Fernando Veríssimo (que tive o imenso prazer de conhecer recentemente), Lygia Fagundes Telles, Lya Luft, entre muitos outros e outras estrelas que entraram em meu coração, os micro-pontos que compõem as cenas cotidianas e que, normalmente, não são vistos.

A crônica impulsionou-me, como adolescente, a sair de uma posição de “parasita” em relação à minha vida e passar a agir como uma “terráquea militante”, com planos de ação para meu planeta.

Dessa forma, quando me tornei cronista, sempre quis estar em mãos juvenis, porque a crônica, na sua função primordial de antena do povo, capta tudo aquilo que muitos não estão aparelhados para depreender. O cronista explora as potencialidades da língua, buscando uma construção frasal que provoque significações várias (mas não gratuitas ou ocasionais), descortinando para o público uma paisagem até então obscurecida ou ignorada por completo (Sá, 2005). O e a adolescente vivem um período

Texto publicado nos anais “V Encontro de Literatura Infantil e Juvenil –Leitura e Crítica”, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 08 a 10 de julho de 2008. p 41-49.

de escuridão intensa e creio que a crônica possa iluminá-los nas inúmeras escolhas que precisam fazer.

Nesse descortinar da vida, a crônica espera que o leitor e a leitora juvenil, ao terem acesso aos fatos que o cronista - um *espião da vida* (Sá, 2005:21) - compartilha, possam (re)planejar seu papel na comunidade local, dentro de sua interdependência na vida global da Terra. O e a adolescente são os capitães da nave Terra. E, quanto antes tiverem acesso às discussões morais e éticas implícitas nas crônicas, mais cedo poderão, como leitores atuantes, compreender quem são, para melhor prosseguirem em suas vidas.

Esse entendimento é desenvolvido porque a crônica escolhe um fato capaz de reunir em si mesmo o “disperso conteúdo humano, pois só assim ela pode cumprir o antigo princípio da literatura: ensinar, comover e deleitar” (Sá, 2005:22). Na minha percepção, teríamos que acrescentar, na lista mencionada por Sá (2005), mais um item - trazer inquietude ao leitor. Essa inquietação incentiva a e o jovem a construir, ou “recuperar sua[s] capacidade[s] crítica[s] e examinar criticamente alguns ângulos da vida urbana” (Sá, 2005:45-46).

Ao ler e escrever crônicas, o leitor e o escritor podem examinar os ângulos diversos da vida e escolher um posicionamento político de atuação frente a ela. A crônica nos incentiva a nos conscientizarmos sobre o fato de que “devemos tomar a decisão de viver de acordo com um sentimento de responsabilidade universal, nos identificando com a comunidade terrestre (...) Somos cidadãos de diferentes nações e de um só mundo, num só tempo. (...) Todos temos responsabilidade frente ao bem-estar presente e futuro da família humana e do mundo. O espírito de solidariedade humana e de afinidade com a vida se fortalece quando vivemos em reverência frente ao mistério de ser, com gratidão ao presente da vida e com humildade e respeito ao lugar que ocupa o ser humano na natureza” (La Carta de la Tierra em Acción / Preâmbulo: 24).

Se pensarmos que “a grande força que move o universo das práticas culturais são precisamente as posições socioavaliativas postas numa dinâmica de múltiplas interrelações responsivas” (Faraco, 2005:38), podemos perceber que a crônica tem um papel primordial, uma vez que ela é uma posição socioavaliativa em busca de múltiplas interrelações para ações responsivas. Ela é um texto político, que “tem uma cara

Texto publicado nos anais “V Encontro de Literatura Infantil e Juvenil –Leitura e Crítica”, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 08 a 10 de julho de 2008. p 41-49.

própria, leve, bem-humorada, amorosa, com um pé na rua” (Santos, 2005: 15). Para mim, esse pé na rua é fundamental: para agirmos no nosso planeta, temos que estar nas ruas, trabalhando para trazer à tona valores de um povo e revelar ações que suscitem debates para a revalorização de critérios éticos e políticos. A crônica é, pois, essencial para que a comunidade juvenil possa construir suas balizas éticas e políticas para agir no universo das práticas culturais.

Um raio X da árvore crônica: frutos de palavras e de modos de ação

Ao fazer um raio X desse gênero literário, é importante salientar que a “crônica surge na relação com a imprensa, os primeiros autores recebiam como missão escrever um relato dos fatos da semana. Eram os chamados folhetins. Aos poucos a tarefa foi entregue a penas geniais como a de Machado de Assis, na virada do século XX, e o gênero, sem pigarrear, sem subir à tribuna, ganhou cara própria. Passou a refletir com estilo, refinamento literário, aparentemente desprezioso, o que ia pelos costumes sociais. Ela nasce de uma necessidade editorial de registrar, comentar com verve, como desse na telha, o que se via e ouvia pelas ruas” (Santos, 2005:16).

Retomando o “pé na rua” da crônica, como cronista, penso ser fundamental salientar como ela é um texto com “verve”. O cronista “não tem sangue de barata”; ao contrário, em seu/ meu sangue corre, efervescentemente, uma perplexidade diante dos absurdos que compõem o dia-a-dia (Damianovic, no prelo). Indignado, o cronista faz um “casamento entre literatura e o jornalismo” (Santos, 2005:16) e se torna um “*flâneur*, um andarilho que comenta o que vê pelas calçadas” (Santos, 2005:16).

As ações para mudar o futuro de nosso planeta estão nas calçadas, nas ruas, avenidas, casas, prédios, estacionamentos, carros, ônibus, parques, escolas, placas, letreiros, e por aí vai. Temos que ir, estar e atuar para mudar. Para alterar planos, precisamos de desejo e isso a crônica cria, porque ela “envolve o leitor na práxis cidadã” (Damianovic, no prelo).

Esse envolvimento é construído a partir de vários ingredientes que a crônica tem e que agem no leitor e na leitora, no e na adolescente. Da *fotografia*, a crônica herda a verossimilhança a um fato real transportado para a ficção em fotos materializadas em

Texto publicado nos anais “V Encontro de Literatura Infantil e Juvenil –Leitura e Crítica”, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 08 a 10 de julho de 2008. p 41-49.

palavras (Damianovic, no prelo). Com seu texto montado a partir de uma fotografia de palavras, o cronista aumenta a capacidade de o público atuar, pois o cronista evidencia os sujeitos históricos de tal forma, que possibilita ao leitor passar do papel de parasita ingênuo ao de cidadão terráqueo crítico-político. Do *jornalismo*, a crônica empresta a característica de que “quem narra uma crônica é o seu autor mesmo, e tudo o que ele diz parece ter acontecido de fato, como se nós, leitores, estivéssemos diante de uma reportagem” (Sá, 2005:09). Como a *poesia*, a crônica é enfeitada “com um toque de lirismo reflexivo, que capta um instante brevíssimo que também faz parte da condição humana e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples situação de diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias” (Sá, 2005:11).

Ao misturar os ingredientes fotografia de palavras, lirismo reflexivo poético e jornalismo de denúncia, a crônica impulsiona o leitor, a partir da ficcionalização de fatos e pessoas, a dar “um salto maior do plano individual e particular para o plano coletivo e universal” (Sá, 2005:86). Há uma substituição da “ingenuidade pelo senso crítico” (Sá, 2005:78). Nosso planeta precisa muito de ações com senso crítico que ilustrem que nossos objetivos ambientais, econômicos, políticos, sociais e espirituais estão inter-relacionados e que, juntos, podemos propor e concretizar soluções (Boff, 2006). A humanidade escolhe seu futuro; formamos uma sociedade global para cuidar da Terra e cuidarmos uns dos outros (Boff, 2006) e quanto mais trabalharmos juntos, mais possibilidades de mudanças se criarão no mundo (Talal, 2006).

A crônica é uma possibilidade de enxergar o mundo dentro do “conceito de sustentabilidade humana, que inclui o pensamento sistemático de unir aspectos ambientais, sociais, políticos e econômicos dentro de determinações políticas” (Vilela, 2006:17). Ela é um manifesto de conflitos para ser lido pelo leitor e pela leitora, pelo jovem e pela jovem, para que todos estranhem a si mesmos e a seu mundo e consigam abandonar a apatia parasitária, avançando rumo à ação de transformação do futuro da nossa Terra (Damianovic, no prelo).

A crônica: uma floresta de iniciativa para sementes de esforços de colaboração

Texto publicado nos anais “V Encontro de Literatura Infantil e Juvenil –Leitura e Crítica”, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 08 a 10 de julho de 2008. p 41-49.

O único valor que todos os seres humanos compartilham facilmente é a continuação da vida na Terra. Nesse objetivo único se unem todos os egoísmos individuais. É preciso que a identidade da espécie humana tenha prioridade sobre as identidades mais particulares de fé, nação, família e pessoa; sem isso, será difícil entrar em acordo sobre o curso que se deve seguir para garantir nosso futuro (Csikszentmihalyi, 1993). A crônica oferece ao leitor, à leitora, ao e à adolescente, uma vitalidade para que queiram engajar-se no espírito de solidariedade humana e no desenvolvimento das virtudes humanas. Ela é um texto que estimula a participação e a inspiração do leitor em fazer parte do florescimento futuro da vida.

“O mundo agoniza e conforme abusamos de maneira imprópria de sua capacidade de sustento, a Terra também agoniza” (Corcoran, 2006:16). Nessa agonia, o cronista sofre e escreve seus textos com a dor do poeta, a fim de incentivar que mudemos “para ontem” a maneira como nos relacionamos uns com os outros.

“Um movimento humano não nasce espontaneamente e nem aparece inesperadamente. Sua concepção é precedida de períodos pré-natais nos quais as pessoas interessadas compreendem suas necessidades, formulam suas exigências, organizam-se e preparam-se para a ação” (Gorbachev, 2006:09). A participação cidadã é um programa educativo e a crônica é atuante nesse processo como um instrumento-e-resultados, ou seja, ela (i) possibilita que haja uma “análise de um fato [cotidiano]; (ii) dá suporte [com fatos ficcionalizados] e (iii) expande as idéias enfatizadas para a integração entre conhecimento genérico e específico” (Liberali, 2007). A crônica tem uma argumentação implícita que “é parte do objeto em construção” [no caso, o objeto é a (re)construção da atitude humana frente ao processo de inter-retro-relação com a Terra (Boff, 2007)]. Nesse processo de reconstrução, “novos significados são permeados por idéias diferentes (sentidos) dos sujeitos da atividade, que lutam para aprender juntos e para, dialeticamente, desenhar novas opções para o futuro; esse processo é a construção de uma atividade revolucionária” (Liberali, 2007). A crônica tem compromissos revolucionários! Aprender a lê-la e escrevê-la faz parte do movimento humano e é a escola a maior incentivadora para que o jovem e a jovem possam, através da crônica, compreender suas necessidades pessoais, formular suas exigências, organizar-se e

Texto publicado nos anais “V Encontro de Literatura Infantil e Juvenil –Leitura e Crítica”, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 08 a 10 de julho de 2008. p 41-49.

preparar-se para agir a partir de pressupostos éticos e morais. A discussão ética e moral da crônica é uma força motora que propulsiona atividades revolucionárias.

Palavras de uma cronista para os jovens capitães da nave Terra: Precisamos agir!

Segundo Roosevelt (1941), há quatro liberdades humanas essenciais: 1) ser livre para expressar-se (expressão); 2) ser livre para praticar a religião à sua maneira em qualquer lugar do mundo (culto); 3) estar livre da necessidade e ter uma vida saudável e tranqüila (dignidade); 4) estar livre do medo (segurança). O cronista tem e luta por essas quatro liberdades; ele precisa delas para concretizar seu “grito de urgência face às ameaças que pesam sobre a biosfera e o projeto planetário humano e também um libelo em favor da esperança e de um futuro comum da Terra e da Humanidade” (Boff, 2007:55).

“A esperança não é algo dado, ela se cria” (Corcoran, 2006:16). Precisamos de uma sustentabilidade humana. Esta “provém do campo da ecologia e da biologia. Ela afirma a inclusão de todos no processo de inter-retro-relação que caracteriza todos os seres em ecossistemas. A sustentabilidade afirma o equilíbrio dinâmico que permite a todos participar e se ver incluídos no processo global” (Boff, 2007:64).

O jovem e a jovem são determinantes na realização dessa esperança. As e os adolescentes são o eixo central da sustentabilidade. A população juvenil precisa agir pela responsabilidade compartilhada e interdependente global. “Os prognósticos são sombrios e alarmantes sobre o futuro da vida sobre a Terra tal como a conhecemos. Há uma grande urgência para a ação” (Boff, 2007:65).

Para finalizar, como cronista, como disse anteriormente, “não tenho sangue de barata” e você, meu leitor, possível e esperado leitor de crônicas, diante do que encara em termos de planeta Terra, pode optar por: a) entrar para o grupo dos humanos parasitas, sanguessugas e viúvas-negras que, além de se auto-destruírem, destroem com seu egoísmo narcisista o que resta do planeta para outras gerações. Ou, você, nisso creio e para isso torço, pode: b) entrar para o grupo dos terráqueos que agem por possibilidades de sermos mais felizes e interdependentes como seres de um mesmo planeta, habitando uma única Terra. “Depende um pouco de cada um de nós, de nossa

Texto publicado nos anais “V Encontro de Literatura Infantil e Juvenil –Leitura e Crítica”, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 08 a 10 de julho de 2008. p 41-49.

honradez interior, nossa fé no ser humano, nosso compromisso com a dignidade” (Luft, 2004:180).

“Para reinventar-se é preciso pensar” (Luft, 2004:21). É preciso que nosso jovem não se deixe cair na tentação do mais fácil, que é entrar na inércia de múmia parálitica, no desânimo, no vazio melancólico comum aos inertes do nosso planeta.

Como escritora, professora e lingüista aplicada, minha ação visa a disseminar a leitura e, principalmente, a escrita da crônica, entre outros gêneros, porque ao ler e escrever a crônica, começamos a “escutar as águas interiores e espreitar vultos no fundo – ou são minha imagem refletida na superfície?” (Luft, 2004:76). Espero que o leitor e a leitora e a escritora e o escritor de crônicas vejam suas imagens refletidas na superfície da escrita, encarem-se bem e decidam-se: pela inoperância parasítica ou pela ação pela e para nossa Terra. Sorte na escolha!

Referências Bibliográficas

BOFF, Leonardo (2007) Um Ethos Para Salvar A História. In: MARINHO, Kleber Maia & Valéria Viana LABREA (orgs). *Histórias de aprender-e-ensinar para mudar o mundo*. Projeto Jovem Cidadão Amigo da Natureza. Instituto Bioma. pp. 55-65.

BOFF, Leonardo (2006) Respeto y cuidado hacia la comunidad de la vida mediante el entendimiento, compasión y amor. In: *La Carta De La Tierra En Acción: Hacia Un Mundo Sostenible*. pp. 43-46. KIT Publishers BV.

CARTA DE LA TIERRA (2006) *La Carta De La Tierra En Acción: Hacia un mundo sostenible*. KIT Publishers BV.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihalyi (1993) *The Evolving Self*. Harper Collins.

CORCORAN, Peter Blaze (2006) Crear Un Solo Mundo. In: *La Carta De La Tierra En Acción: Hacia Un Mundo Sostenible*. pp. 15-16. KIT Publishers BV.

DAMIANOVIC, Maria Cristina (no prelo) A crônica brasileira: um instrumento de desenvolvimento crítico-político. In: *Lenguas Modernas*. Universidade da Costa Rica.

DAMIANOVIC, Maria Cristina (2008 a) *De um limão, uma limonada/ De um limón, una limonada*. Perro Azul.

DAMIANOVIC, Maria Cristina (2008 b) Entrevista com a autora de “De um limão, uma limonada”. In: DAMIANOVIC, Maria Cristina. *De um limão, uma limonada / De um limón, una limonada*. Perro Azul.

DAMIANOVIC, Maria Cristina (2008 c) *A Galinha dos Amigos de Ouro*. Cabral Editora.

DAMIANOVIC, Maria Cristina (2008 d) Brasil: um verde-amarelo em versos. In: DAMIANOVIC, Maria Cristina & BLANK, Dulce (orgs) *Brasil: um verde-amarelo em versos*. Perro-Azul.

DAMIANOVIC, Maria Cristina (2007) *Famílias: Sempre-Vivas*. Cabral Editora.

Texto publicado nos anais “V Encontro de Literatura Infantil e Juvenil –Leitura e Crítica”, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 08 a 10 de julho de 2008. p 41-49.

DAMIANOVIC, Maria Cristina (2006) *São Paulo: Caras e Bocas*. Casa do Novo Autor.

DAMIANOVIC, Maria Cristina (2005 a) O lingüista aplicado como um agente político. In: *Linguagem e Ensino*, pp. 181-196.

DAMIANOVIC, Maria Cristina (2005 b) *Brasil: Palavras de um Cotidiano*. Casa do Novo Autor.

FARACO, Carlos Alberto (2005) Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (org) *Bakhtin: Conceitos Chave*. Contexto.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1986) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira.

GORBACHEV, Mikhail (2006) El tercer pilar del desarrollo sostenible. In: *La Carta De La Tierra En Acción: Hacia Un Mundo Sostenible*. pp. 9-10. KIT Publishers BV.

LIBERALI, Fernanda Coelho (2007) *Argumentation: tool and object in teacher education*. Paper presented at *The 7th International L.S. Vygotsky Memorial Conference Cultural-historical theory: Prospects of development*. Moscow.

LUFT, Lya (2004) *Pensar é transgredir*. Record.

PESSOA, Fernando (1998) *Mensagem*. Companhia das Letras.

ROOSEVELT, Franklin Delano (1941) Las quatro libertades. Discurso proferido no Congresso dos Estados Unidos. Documentos para audiências. Congresso 77, Seção 1ª.

SÁ, Jorge de (2005) *A crônica*. Ática.

SANTOS, Joaquim Ferreira (2005) Introdução. In: SANTOS, Joaquim Ferreira (org) *As cem melhores crônicas brasileiras*. Objetiva.

STRONG, Maurice F. (2006) Una Carta De La Tierra Para El Pueblo. In: *La Carta De La Tierra En Acción: Hacia Un Mundo Sostenible*. pp. 11-12. KIT Publishers BV.

TALAL, Basma Bint (2006) El único camino hacia delante. In: *La Carta De La Tierra En Acción: Hacia Un Mundo Sostenible*. pp.190-191. KIT Publishers BV.

VILELA, Mirian (2006) Crear Consenso Sobre Valores Compartidos. In: *La Carta De La Tierra En Acción: Hacia Un Mundo Sostenible*. pp.17-18. KIT Publishers BV.